

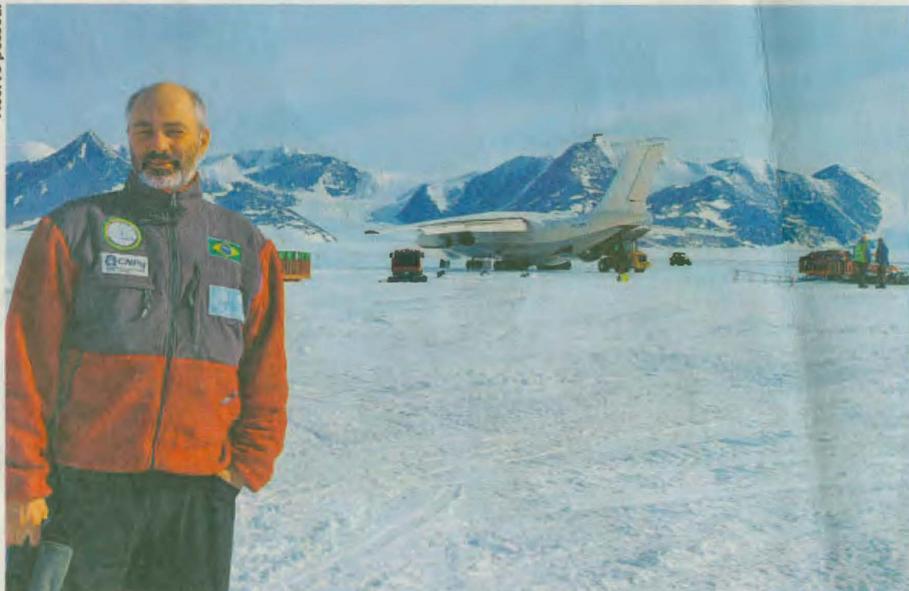
A natureza é o laboratório

continuação da página 1

Acordar na própria cama, tomar um banho quente e ir à universidade. Para muitos pesquisadores, isso é só uma parte da rotina de trabalho. “O lugar em que é mais raro você me encontrar é em casa”, diz o arqueólogo Marcos Albuquerque. E os amigos e familiares que se acostumem.

Afinal, é tudo em nome da ciência. “Não é legal passar uma semana comendo e dormindo mal, por exemplo. Mas o objetivo justifica tudo”, observa a engenheira florestal e professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) Isabelle Meunier. Assim como muitos colegas, ela passa boa

parte do tempo “no meio do mato”. E volta renovada. “Você fica com mais atenção e com a audição aguçada”, define. A seguir, confira histórias de outros cientistas aventureiros, que não pensam duas vezes antes de sair – sempre bem equipados, é claro – para explorar o mundo.



EXPERIENTE O glaciologista Jefferson Simões se afeiçãoou ao clima inóspito do interior da Antártida



NO MEIO DO MATO A bióloga Camila Bione pesquisa macacos-prego no habitat natural

O trabalho dele é uma fria

Temperatura: -25 °C. Sensação térmica: -40 °C. Poucas nuvens no céu. Sol 24 horas por dia. Muito, muito gelo (mais precisamente 13,6 milhões de km²) em todas as direções. Passar 45 dias no interior da Antártida, dormindo em barracas não é lá muito fácil. Mas foi esse o programa escolhido pelo glaciologista (especialista na ciência das geleiras) Jefferson Simões, 53 anos, e outros nove colegas, para o último verão.

Eles foram até lá – a 2.500 km ao sul da Estação Antártica Comandante Ferraz, atingida por um incêndio no último dia 25 – para instalar o módulo Criosfera 1, dedicado à pesquisa de mudanças climáticas e químicas na atmosfera. Delegado brasileiro no Comitê Internacional de Pesquisas Antárticas, Jefferson tem experiência de sobre no que diz respeito ao continente gelado: já foi 20 vezes à Antártida. Ele já trabalhou na Estação Comandante Ferraz, mas garante: “Expedições como as que eu lidero, dentro das geleiras, são situações muito mais agressivas”.

Além de instalar o módulo, a equipe foi fazer pesquisas na área de especialidade de Jefferson: perfuração de testemunhos de gelo. “Retiramos cilindros de

gelo das geleiras. Eles reconstroem a história do clima e assim podemos medir a variação do volume de gelo do planeta”, esclarece.

Jefferson não nega: a vida no gelo tem muitos inconvenientes. “As condições de higiene não são das melhores. Não tem banho e nosso banheiro é uma barraca. Às vezes ficamos até 10 dias em uma barraca sem poder sair, por causa de nevascas com vento a até 160 km/h”, conta. Experiente, ele já aprendeu a regra: é preciso aceitar as condições limites dadas pelo meio ambiente e ficar atento às técnicas de segurança. “Nosso principal medo é cair numa fratura no gelo, que pode ter 50 metros de profundidade. Por isso, estamos sempre amarrados uns aos outros”, diz.

O trabalho também é desgastante: já que o sol não vai embora, o que rege o tempo de trabalho é o clima. “Às vezes, passamos mais de 24 horas trabalhando, parando só pra comer, pra aproveitar o bom tempo”, relata. Ainda assim, o pesquisador se afeiçãoou ao ambiente inóspito. “É um ambiente extremamente envolvente. Me dá uma paz, eu curto estar no meio do nada. E o trabalho é lúdico também, eu me divirto”, brinca. (L. F.)

Bem acompanhada na floresta

Quando criança, Camila Bione trocava facilmente as bonecas por uma tarde de brincadeiras no jardim. Hoje, aos 27 anos, o tempo passado entre bichinhos e plantinhas virou profissão. Mestre em biologia animal, ela até tentou viver uma vida mais convencional, por assim dizer. “Cheguei a trabalhar com genética por um tempo, mas quando saí em campo me apaixonei. Não consigo mais ficar longe”, declara.

Entre outros projetos, ela se dedica à observação de uma nova espécie de macacos-prego descoberta em 2006. Com um grupo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a bióloga mapeia o comportamento do animal em áreas de mata atlântica em Pernambuco, na Paraíba, no Rio Grande do Norte e em Alagoas. Para isso, passa cerca de 20 dias por mês acampando na floresta. “Quando volto pra cidade, acho estranho”, brinca.

Para ela, ter um trabalho como esse exige não se apegar muito à rotina na cidade. “Geralmente, ficamos sem celular e internet. É preciso abdicar muito da sua vida pra realmente conhecer a vida na natureza. Se você está acompanhando o bicho e faltar dois dias, ele pode sumir, e aí todo seu trabalho está perdi-

do”, observa.

A rotina pouco comum – que inclui vários dias de pouco sono e muito trabalho, além de feriados e ocasiões especiais passados longe da família e amigos – causa estranhamento. Mas também é motivo de orgulho. “Minha família não entendia que eu fosse passar o Natal no meio do mato, mas já se acostumou.”

O trabalho, confessa, não é para qualquer um. Além de ter boa resistência física, necessária para caminhar até 30 km por dia, é preciso estar sempre alerta. “Já encontramos cadáveres na mata, já peguei pneumonia, já desmaiei e não tinha ninguém por perto. É preciso saber agir rápido em situações de risco”, diz.

Entre um apuro e outro, Camila se diverte e fica cada vez mais encantada com os novos mundos que descobre. “Existe muita coisa além do que vemos no dia a dia”, reflete. E a interação com os bichinhos rende histórias engraçadas. “Um dos macacos que foram objeto do meu mestrado se apegou à nossa equipe. Ele ficava o dia inteiro com a gente e até brincava de esconde-esconde. Seu apelido era Toddy. Ele era incrível”, relembra, saudosa. (L. F.)

Isolamento exige muita disposição

“O lado ruim é ficar distante de tudo. Sem energia elétrica, fico isolado, sem saber das notícias. Quando volto pra cidade, 20 dias depois, aconteceu muita coisa.” O depoimento é do ornitólogo Flávio Ubaid, doutorando de zoologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp), que estuda os efeitos de queimadas sobre as aves em uma reserva no Pantanal do Mato Grosso. Mas ele não reclama. Afinal, sempre soube que não nasceu para ficar dentro de um laboratório. “Nunca duvidei de que queria estar na natureza.”

Acompanhado por colegas ornitólogos e guardas-parques das reservas, Flávio dorme em antigas casas de fazenda transformadas em postos de apoio para pesquisadores. Durante o dia, como era de se esperar, a rotina é puxada. “Saio de madrugada, principalmente na época de cheia, em que temos que nos locomover a cavalo ou de barco, e só retorno quando termino o trabalho”, conta.

Na hora de sair a campo, uma das regras principais é nunca estar sozinho. “Por mais que você conheça a área, não é recomendado. Pode acontecer um acidente, como uma picada de cobra, e a ajuda de alguém é muito importante”, explica. Mesmo com toda a experiência, acrescenta, todos estão sujeitos a alguns riscos. “Em um trabalho no Xingu, passei mal e precisei ir ao hospital, que ficava muito distante. Foi um sufoco. Melhorei e continuei lá por mais 15 dias, mas quando voltei pra casa tive um desmaio. Passei uma semana no hospital e não descobriam o que era. Deve ter sido alguma doença tropical desconhecida”, conta.



VOCAÇÃO Flávio diz que seu lugar é em campo

Mas o susto é compensado, garante. A oportunidade de conhecer a fundo boa parte do País é só um dos fatores positivos. Pará, Rondônia, Mato Grosso, Goiás e Rio Grande do Sul estão entre os lugares visitados pelo pesquisador em seus trabalhos de consultoria. “Gosto muito de viajar e acabo unindo o útil ao agradável”, aponta.

Como se não bastasse, Flávio garante que não faltam, durante o trabalho, momentos de emoção. Entre outros, ele lembra de uma situação no Pantanal em que passou mais de duas horas observando um grupo de ariranhas. “Foi estranho elas não ficarem assustadas. É um animal ameaçado e muito arisco. Fiquei parado no barco tirando centenas de fotos delas. Essa cena me marcou bastante”, recorda. (L. F.)



ROTINA Para Marcos, que já dormiu até com esqueleto, vida na selva é mais segura que na cidade

Risco faz parte do cotidiano

Cobras, insetos, onças, jacarés. Chuvas, fortes ventos e temperaturas extremas. Trabalhar em ambientes pouco frequentados pela espécie humana traz, inevitavelmente, alguns riscos. Mas o arqueólogo Marcos Albuquerque, 69 anos, não se preocupa muito com isso. “Por incrível que pareça, a vida na selva é mais tranquila e segura do que em muitas cidades em que vivemos”, opina.

Coordenador do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Marcos já tem 46 anos de estrada. Literalmente. Afinal, ele já percorreu o Brasil de ponta a ponta, além de países como Portugal e Paraguai, realizando escavações arqueológicas. No currículo, ele soma trabalhos de pesquisa pura, aqueles que têm objetivos científicos definidos, a serviços de arqueologia preventiva. “Por lei, antes de qualquer obra é preciso fazer uma pesquisa arqueológica”, explica. Enviado para os des-

tinos mais variados, Marcos se hospeda onde for possível. “Já aconteceu muito de ter que dormir na capota de um Land Rover. Vários trabalhos foram realizados com pouca estrutura, em locais aos quais só tínhamos acesso por barco e depois caminhando pela selva.”

Entre outros feitos, a equipe do arqueólogo chegou a encontrar as ruínas de uma cidade de colonização portuguesa, que foi transferida do Marrocos para o Amapá há quase 250 anos. E situações inusitadas, como dormir junto a um esqueleto, acabam fazendo parte da rotina. “Quando estávamos trabalhando no Forte Orange, nos anos 70, as condições eram precárias. O forte estava sem telhas e, pra proteger os esqueletos que encontramos, tivemos que colocá-los nas barracas em que dormíamos”, recorda. (L. F.)

continua na página 3